

SOBRE ESTA EDIÇÃO

RESULTADO DE TRABALHO DE PESQUISA desenvolvido no Setor de Filologia do Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa, este volume reúne textos de Gonzaga Duque publicados na imprensa e não recolhidos em livro, bem como manuscritos ainda inéditos, tendo sido o conjunto produzido entre os anos de 1882 e 1910. Dá continuidade ao trabalho desenvolvido pelos organizadores no volume *Impressões de um amador: textos esparsos de crítica* (1882–1909).

Os textos de imprensa saíram nestes 19 periódicos: *Gazetinha*, *Brazil*, *Guanabara*, *Kosmos*, *Diario do Commercio*, *Treze de Maio*, *Revista Souza Cruz*, *Pierrot*, *Fon-Fon!*, *A Cidade*, *Revista Contemporânea*, *Club Coritibano*, *Diario de Noticias*, *Brasil-Portugal*, *O Paiz*, *Almanaque Brasileiro Garnier*, *A Illustração*, *A Nova Revista* e *Vera-Cruz*. Com exceção do *Club Coritibano* (de Curitiba) e de *A Illustração* (jornal português publicado em Paris), todos os demais periódicos são do Rio de Janeiro. Os periódicos foram consultados na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, e na Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa. Os textos são de natureza vária: crônica, crítica de artes plásticas, ficção e tradução.

O volume inclui um conjunto de cartas que, em seu maior número, são dirigidas a familiares. Há algumas dirigidas a amigos e outras que constituem correspondência de trabalho. Essas cartas foram preservadas em manuscrito, com exceção de uma, dirigida a Dario Veloso, de que se conhece apenas a versão estampada no periódico *Club Coritibano*. Foi incluída na seção dedicada a correspondência, embora não haja dados que comprovem que se trate de fato de carta enviada ao destinatário ou de texto literário. Também em relação à carta dirigida a “Senhorita” (sem local e data) não se pode afirmar que tenha sido de fato enviada ou se se trata de um esboço; não está escrita

a tinta, como as demais cartas, e o papel usado não o era habitualmente na correspondência, mas nos textos para imprensa.

Dois textos de crítica foram encontrados apenas em manuscrito. Um deles é o texto sobre o artista plástico Latour, provavelmente destinado a publicação na imprensa, que, no entanto, não foi localizada. Está assinado por um dos pseudônimos usados por Gonzaga Duque, José das Tintas. O outro é o que trata de xilografia. É constituído por um conjunto claramente incompleto, seja por trechos se terem perdido, seja – o que é mais provável – por ter permanecido inacabado, não sendo possível determinar se se trata de um texto único com subdivisões ou de pelo menos dois textos distintos que tratariam de aspectos diferentes do tema. Na introdução de uma das partes, há menção a uma publicação; no entanto, não se localizaram nem a publicação nem qualquer evidência de que ela tenha realmente havido. Considerou-se que a publicação dos fragmentos se impunha, mesmo com suas lacunas e imprecisões, tendo em vista a importância desse projeto de Gonzaga Duque, que se ocupa de setor não abordado em seu *A arte brasileira*.

O manuscrito “Meu bravo amigo”, cujo teor indica tratar-se de texto para um caderno de autógrafos (prática corrente na época), foi reproduzido a partir de fac-símile estampado em jornal, de que há recorte no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. A esse arquivo pertencem também os manuscritos dos dois textos de crítica referidos, bem como a maioria das cartas. A carta dirigida a José do Patrocínio pertence ao Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa; as cartas a Ernesto Sena, Jorge Schmidt e Manuel Cícero Peregrino da Silva pertencem à Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, a que pertence também o cartão dirigido a Lima Barreto; as cartas a Eliseu Visconti de 25 e 29 de junho de 1901, e de 27 de fevereiro de 1910 pertencem ao Museu Nacional de Belas Artes; as cartas ao prefeito do Distrito Federal, a Aureliano Portugal, ao Diretor Geral de Instrução Pública Municipal e ao Diretor Geral de Polícia Administrativa, Arquivo e Estatística pertencem ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; e a carta a Antônio Parreiras pertence ao Museu Antônio Parreiras (Niterói).

As cartas para Aureliano Leal, para o Prefeito do Distrito Federal, para o Diretor Geral de Instrução Pública Municipal, para o Diretor Geral de Polícia Administrativa, Arquivo e Estatística, para Manuel Cícero Peregrino da Silva e para Chefe de Seção foram escritas em papel com timbre da Biblioteca Municipal. Além dessas cartas de trabalho, também foi escrita no mesmo papel timbrado a carta para Osvaldo de 14 de maio de 1906 (a correspondência para Osvaldo de 7 de abril de 1909 é um cartão-postal). No caso dessas cartas

de trabalho, vale a pena observar que algumas vezes o documento contém outros textos em diferentes caligrafias. Assim, a carta para o Diretor Geral de Instrução Pública contém após a data o seguinte texto: “Autorizo/ Em 14-9-06/ [assinatura ilegível]”, em caligrafia que não é a do autor. Do mesmo modo, no verso da carta, há nove diferentes anotações entre averbações e encaminhamentos ao prefeito, à Diretoria Geral de Fazenda, à Biblioteca; em 12 de setembro de 1906 anotou-se: “Só ao Ex. Snr. D. Prefeito compete autorizar”. A carta ao Diretor Geral de Polícia Administrativa, Arquivo e Estatística traz no verso longo parecer assinado pelo primeiro-oficial Noronha Santos (cuja leitura, no entanto, está prejudicada pela encadernação dos documentos).

No anexo, incluíram-se algumas cartas dirigidas a Gonzaga Duque que têm relação com a correspondência ativa reunida neste volume: uma carta de Antônio Parreiras, duas cartas de Eliseu Visconti (as três pertencentes ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa) e duas cartas de Aureliano Portugal (correspondência oficial, em papel com timbre da Prefeitura do Distrito Federal, estas cartas pertencem a uma coleção particular do Rio de Janeiro). A publicação neste volume das peças da correspondência entre Gonzaga Duque e Eliseu Visconti foi devidamente autorizada por Tobias Visconti. Incluíram-se ainda no anexo um artigo de Mário Pederneiras e dois editoriais publicados por ocasião da morte de Gonzaga Duque, e que dão uma ideia do que sua figura representava à época.

Este volume, cabe ressaltar, não esgota o acervo da colaboração do autor na imprensa, nem sua correspondência. Nesse sentido, registre-se a referência que o necrológio da revista *Careta* (incluído no anexo desta edição) faz aos textos assinados com o pseudônimo André de Rezende na revista *Kosmos*, não recolhidos em livro. Registre-se também a dificuldade para trabalhar com esse tipo de material, tendo em vista restrições impostas por algumas instituições à consulta e à reprodução de documentos, em certos casos numa evidente incompreensão do trabalho de pesquisa.

Quanto ao preparo do material reunido no presente volume, consideramos que caberia pelo menos referir, a seguir, algumas situações mais significativas.

No caso dos textos de imprensa, encontram-se, ao final de cada um, as referências da publicação original: título do periódico, local e data. Indicam-se também, quando é o caso, o pseudônimo utilizado pelo autor ou a forma abreviada de seu nome empregada como assinatura. Os títulos de periódicos tiveram sua grafia preservada.

As peculiaridades do texto de Gonzaga Duque são conhecidas: sintaxe complexa, vocabulário raro, neologismos, estrangeirismos. No seu preparo,

levou-se em conta, além dessas características, o fato de, na sua quase totalidade, se tratar de versão única, sem, portanto, possibilidade de comparação com outra versão, a fim de sanar problemas de leitura devidos não só àquelas peculiaridades, mas também a erros tipográficos, a deterioração dos periódicos e a eventuais dificuldades para compreensão da caligrafia do autor, no caso de manuscritos.

O texto foi atualizado de acordo com o sistema ortográfico em vigor. Respeitaram-se, porém, usos do autor cuja alteração ultrapassaria o nível meramente ortográfico.

Corrigiram-se erros tipográficos (por exemplo, *poliveo* foi corrigido para *povilêu* e *adoiças* para *adriças*) e algumas impropriedades, inclusive no caso de palavras estrangeiras (como *fauteis*, corrigido para *fauteuils*). Estas, empregadas com frequência, foram mantidas, sempre em itálico, mesmo nas situações para as quais há aportuguesamento (como é o caso de *bond* e *chic*), pois assim se registra que o uso da época ou do autor era a forma estrangeira e não a aportuguesada. Corrigiram-se também inadequações de transcrição ou adaptação de nomes próprios, respeitadas porém as formas possíveis adotadas pelo autor, mesmo que hoje não correntes, como *Cambodge*, *Campos Eliseus* ou *Alberto Durero*.

Respeitou-se a alternância dos ditongos *ou/oi*, como em *cousa/coisa* ou *dous/dois*. Do mesmo modo, preservaram-se formas peculiares da época do autor hoje em desuso, bem como formas dicionarizadas de emprego menos corrente, formas de cunho erudito, hibridismos (radical estrangeiro e terminação portuguesa, por exemplo) e neologismos provavelmente criados pelo autor. Estão em tais casos vocábulos como *êxtasis*, *grífus*, *urbs*, *indimisso*, *arterige*, *lalinge*, *esclavagismo*, *emocial*, *emocibilidade*, *deleixo*, *regífobo*, *aureoral*, *ourinolzinho*, *disformizam-se*, *luciole*, *afrodisia*, *ófidos*, *gouachado* etc. Nesse âmbito, pode-se referir a preservação do uso no feminino do substantivo *palor* (masculino), pois acompanhado do pronome feminino *sua*, assim como da forma feminina *soeza*, quando os léxicos registram apenas a forma de dois gêneros *soez*.

Foi conservado o apóstrofo indicador de elisão ou de aférese (como em *correntes d'ar*, *porta d'entrada ou 'té*), fato frequente nos textos de Gonzaga Duque – além de ser um fato de pronúncia, trata-se de um indicativo de suas opções estilísticas.

Manteve-se o acento agudo na forma verbal do pretérito perfeito *ar-ranjámos*, adotado em Portugal para indicar a diferença de pronúncia entre o presente e o pretérito perfeito, e eventualmente empregado no Brasil na época do autor.

Procurou-se padronizar os realces gráficos – aspas, itálico, maiúsculas –, mas de modo flexível, para não descaracterizar os propósitos do autor, já que tais realces muitas vezes têm intenção expressiva ou em algumas situações tinham justificativa de época.

Nos casos em que não foi possível ler a passagem, empregou-se a seguinte indicação: [...]; nos casos em que foi possível supor a extensão ou o número de palavras do trecho ilegível, isto foi indicado em nota; e quando se considerou viável apresentar uma conjectura, esta aparece entre colchetes. Em uns poucos casos em que não havia dúvida de leitura, mas em que a passagem apresenta alguma dificuldade seja por um uso fora dos padrões da língua, seja por algum possível truncamento, o fato foi assinalado com a palavra *sic* entre parênteses.

Há um número reduzido de notas dos organizadores: tradução de trechos em outras línguas; observação sobre problemas da edição (trechos ilegíveis ou truncados, explicitação de autoria, por exemplo); identificação sumária de pessoas, lugares e textos referidos. No intuito de não sobrecarregar a anotação, esta se limitou ao que os organizadores julgaram necessitar de algum tipo de informação, quando esta pôde ser obtida, pois isto nem sempre foi possível.

Somos gratos à preciosa colaboração prestada, em diferentes momentos da realização deste trabalho, pelos colegas Eliane Vasconcelos, Laura Regina Xavier, Adriano da Gama Kury e Ivete Savelli, da Fundação Casa de Rui Barbosa, bem como por William Okubo, da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

Júlio Castañon Guimarães

Vera Lins